

Saberá a lua a Flicts?!

Uma leitura de *A que sabe a lua?*, de Michael Grejniec, e *Flicts*, de Ziraldo Pinto

Lídia Alfaia Rolim*

Resumo

O presente artigo tem como propósito analisar duas obras para crianças – *A que sabe a lua?*, de Michael Grejniec, e *Flicts*, de Ziraldo Alves Pinto – que abordam temas como a busca da identidade, a relação com o Outro e a aceitação das diferenças.

Palavras-chave: Literatura Infantil; identidade; diferenças.

Abstract

This article aims to analyze two books for children – *A Taste of the Moon*, by Michael Grejniec, and *Flicts*, by Ziraldo Alves Pinto – covering topics such as the search for identity, the relationship with the Other and the acceptance of differences.

Keywords: Children's Literature; identity; differences.

Introdução

Os livros aqui em análise atraíram-me pela sua história e pelas ilustrações. Como trabalho com crianças de diferentes faixas etárias, verifico que, cada vez mais, há a necessidade de trabalharmos valores comportamentais e morais e dar grande enfoque à mensagem de que todos precisamos uns dos outros e ninguém é melhor que ninguém. É de máxima importância que as crianças entendam isso, para que se tornem adultos com mais consciência cívica, com valores e respeito pelos outros, valores esses que tendem a diluir-se na sociedade materialista em que vivemos.

O primeiro dos livros aqui em análise, *A que sabe a lua?*, remete-nos para a temática da entreatjada e da solidariedade, uma vez que todos os animais se unem com o mesmo objetivo: alcançar a lua e perceber qual o seu sabor, enquanto *Flicts* conta a história de uma rara cor, que também tenta alcançar o seu objetivo: encontrar o seu lugar no mundo. A análise a

efetuar doravante demonstrará, contudo, que, apesar das diferenças entre os dois livros selecionados, aspetos há em comum, nomeadamente o elogio da diferença.

A que sabe a lua?

Escrito e ilustrado por Michael Grejniec em 1993, o livro *A que sabe a lua?* sublinha a importância do espírito de entreatjada, de união, partilha e solidariedade, veiculando valores de uma forma subtil e simultaneamente humorística. O título, apresentado sob a forma de uma pergunta, estimula a curiosidade e a capacidade imaginativa do leitor, desafiando-o a formular, por antecipação, hipóteses explicativas que poderão ou não ser confirmadas aquando da leitura propriamente dita.

A antecipação da leitura faz-se também pela observação dos elementos paratextuais presentes na capa e na contracapa do livro. Para além do título, as ilustrações incitam o leitor a descobrir sentidos possíveis para esta história e, por certo, despertarão o seu interesse pela leitura.

* Mestranda em Educação e Proteção de Crianças e Jovens em Risco na Escola Superior de Educação de Portalegre.

Na verdade, na capa vislumbramos uma grande lua cheia docemente sorrindo. Esta imagem ocupa quase toda a capa, sobressaindo cintilante de um fundo escuro (passando a pequena girafa que aparece no canto do livro um pouco despercebida). Por sua vez, na contracapa, surge uma lua em quarto minguante com um ar triste. A capa e contracapa mostram não só a diferença de estado de espírito da lua no início e no final da história como também o tempo decorrido. Na folha de rosto, observamos uma sobreposição das imagens da capa e contracapa: as duas luas, com sentimentos e cores diferentes (uma lua em quarto minguante, triste, de cores claras, sobrepondo-se a uma lua cheia sorridente em cores escuras).

A narrativa, em jeito de fábula, coloca em cena vários animais que têm a mesma curiosidade por satisfazer: descobrir a que sabe a lua. Mas a lua está tão longe que parece inalcançável: os animais bem *“esticavam e estendiam os pescoços, as pernas e os braços (...) mas era tudo em vão, e nem o maior dos animais era capaz de tocá-la”*.

É então que aparece a pequena tartaruga, destemida. Não se resignando a ficar só pelos sonhos, e determinada a concretizá-los, toma a iniciativa de começar a escalar *“a montanha mais alta para chegar à lua”*. Esta grandeza da montanha contrasta com a pequenez da tartaruga, parecendo esmagá-la, mas a tartaruga não desiste e, percebendo que não conseguia, sozinha, alcançar o seu objetivo (apesar do seu esforço individual), decidiu pedir ajuda.

Através da estrutura cumulativa e paralelística, assiste-se então à entrada em cena de diversos animais (os maiores, os mais fortes e/ou os mais astutos da floresta) – o elefante, a girafa, a zebra, o leão, a raposa, o macaco e o rato – que, um a um, e num verdadeiro trabalho de equipa, vão subindo para as costas uns dos outros e formando uma pirâmide com o intuito de alcançarem a lua, apoiando-se todos na forte carapaça da tartaruga.

Curioso é assinalar que a pirâmide, que tem na base a forte tartaruga, começa a formar-se com os animais mais fortes da selva, verificando-se que, à medida que se vão aproximando da lua, os animais são cada vez mais pequenos, mais ágeis e astutos. Da mesma forma, à medida que o número de personagens aumenta, aumenta também o ritmo da leitura,

e a curiosidade do leitor, pois nunca sabemos quem vai conseguir concretizar o objetivo comum.

Os animais mostram-se sempre motivados na sua escalada em direção à lua. Apesar de não terem certezas quanto ao sucesso da sua estratégia coletiva, incentivam os outros a juntarem-se ao grupo, porque só assim haverá maiores probabilidades de conseguirem atingir o seu objetivo, tal como é visível nas seguintes frases: *“Sobe para as minhas costas, assim talvez cheguemos à Lua”*; *“Se subires para as minhas costas, é provável que nos aproximemos dela.”*

Depois de sucessivas tentativas, falhadas, para alcançarem a lua, chamam por fim o rato, que é o último animal a subir a pirâmide e a tentar a sua sorte – um animal aparentemente insignificante e sem préstimo devido ao seu tamanho. Comparativamente aos outros animais, o rato é o mais pequeno de todos, mas também o mais ágil e o mais astuto. A lua, que até então tinha recuado a cada investida dos animais que a foram tentando alcançar, desta vez subestimou o ratinho e pensou: *“Um animal tão pequeno, certamente não poderá alcançar-me”*. Por isso mesmo, ficou impávida e serena, julgando, como se presume, que não valeria a pena o esforço de se mexer por tão pouco. Mas essa atitude de desconsideração por um ser pequeno em tamanho (mas grande em determinação e astúcia) acaba por ter um efeito contrário ao que ela supunha e o rato consegue, por fim, arrancar-lhe um pedaço, que irá posteriormente partilhar com todos os outros animais, revelando nesse gesto o seu altruísmo, naquele que é sentido como um forte apelo à capacidade reflexiva da criança leitora.

Relativamente à intervenção do ratinho, a mensagem parece apontar em duas direções: por um lado, apela ao espírito de união, de entreajuda e de partilha, fazendo valer a máxima que *“a união faz a força”*; por outro, mostra claramente à criança leitora que os mais pequenos têm as mesmas (ou mais) capacidades que os mais crescidos e que é preciso acreditar em si, na sua força, no seu valor, e seguir, com determinação e coragem, o seu caminho, em busca dos seus sonhos e dos seus objetivos de vida.

Percebe-se, no final, quando todos os animais saboreiam o pedaço da lua que lhes

coube, que afinal a lua tem um sabor especial: sabe exatamente àquilo de que cada um dos animais mais gosta, como é assinalado pelo narrador onisciente. Tal estratégia desafia o leitor a completar a narrativa, imaginando ele próprio a que saberá a lua. Para além disso, o facto de os animais nessa noite dormirem todos “muito juntos”, depois do esforço e do trabalho de equipa, dá à criança leitora a certeza que o trabalho de equipa compensa, porque todos se unem para atingir o mesmo fim, sendo o resultado sempre positivo, porque assim se reforçam os laços de amizade entre todos os membros do grupo.

A terminar a narrativa, surge, inesperadamente, uma nova personagem – o peixe –, que afirma: “*Esta é boa! Tanto esforço para chegar à lua, lá em cima no céu, tão longe... Acaso não vêem que aqui na água há outra tão perto?*”. A sua intervenção tem, a meu ver, duas leituras: por um lado, demonstra que nem sempre olhamos para aquilo que está perto de nós, mais preocupados que estamos em alcançar o que está distante; por outro, pode ser entendido como o discurso de quem, não vendo mais longe, não tendo outros horizontes, não é capaz de sonhar, de se juntar ao grupo, julgando-se mais inteligente que os outros – a quem critica a ousadia de quererem alcançar o que (apenas para si) é inalcançável.

Seja como for, o peixe é a voz dissonante nesta história, é o único que não se integra, que se autoexclui do grupo e que, por isso mesmo, não sentirá a alegria de alcançar um sonho e de o partilhar com os amigos, limitando-se a ver as coisas do avesso, na superfície espelhada de um lago, e não a verdadeira essência das coisas.

Flicts

Apesar de ser um livro escrito em 1969 (há mais de 40 anos), o livro veicula uma mensagem muito atual. *Flicts* conta a história de uma cor feia, rara e triste, que procura encaixar-se no mundo das cores, encontrar amigos, um lugar para viver, no fundo, o sentido da sua própria existência.

A história começa com o tradicional *incipit* “Era uma vez”, que possibilita ao leitor a entrada no mundo ficcional: “*Era uma vez uma cor muito rara e muito triste que se chamava Flicts*”. A apresentação da personagem enfatiza a sua condição de ser diferente e a infelicidade que essa constatação provoca em si, como se presume pelos não-ditos.

Na verdade, o texto evoca o sentimento de angústia e tristeza que a solidão provoca em qualquer ser humano, aqui simbolicamente personificado na cor Flicts – um ser diferente que se apresenta como único no seu trajeto doloroso, sofrido e solitário em busca de si e que vive a angústia de não se encontrar, de não encontrar um lugar para si neste mundo, de não se reconhecer em nada, de não ser aceite nem entendido por ninguém. O receio de abandono que esta cor experiencia é, precisamente, “traduzido pelo sentimento de não-pertença a um grupo, de rejeição, de exclusão causada pelas diferenças”, como refere Adriana de Castro (2008: 81).

Ao contrário de Flicts, uma cor estranha e diferente de todas as outras, cada cor tem um atributo, atributo esse que a Flicts é negado, pois, como se refere intratextualmente, ele “*não tinha a força do vermelho*”, “*não tinha a imensa luz do amarelo*”, “*nem a paz que o azul tem*”. Flicts “*era apenas frágil e feio e aflito*”. “*Não existe no mundo nada que seja Flicts (...)* *nem a sua solidão*”. Nem a sua própria solidão, que é triste, pode ser flicts.

Flicts não tinha lugar no mundo, nem na caixa de lápis de cor, nem no colorido da primavera, nem no arco-íris, nem nas cores das bandeiras. Flicts é rejeitado por todas as cores, tal como a própria ilustração insinua, pois aparece sempre à parte, longe das outras.

As outras cores ora se unem entre si (“*as sete cores deram as mãos e à roda voltaram e voltaram a girar, a girar girar girar...*”), excluindo Flicts do grupo, ora o enfrentam, com os seus discursos imperativos marcados invariavelmente pela negação, discriminando-o e ordenando-lhe que se afaste sempre que ele se aproxima e lhes pede para ficar, para ser uma delas, tal como é visível nas seguintes passagens da obra:

E o pobre Flicts procura alguém para ser seu par um companheiro um amigo um irmão complementar em cada praça e jardim em cada rua e esquina: “Eu posso ser seu amigo?”



“Não”
avisa o
Vermelho

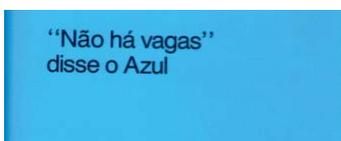


“Espera”
o Amarelo diz



“Vai emtóra”
lhe manca o
Verde

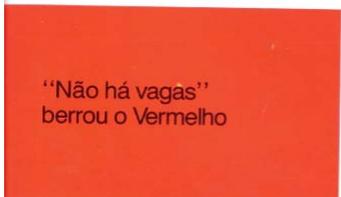
e mais uma vez sozinho o pobre Flicts se vai



“Não há vagas”
disse o Azul



“Não há vagas”
sussurrou o Branco



“Não há vagas”
berrou o Vermelho

Mas
existem mil
bandeiras
trabalho
para tanta
cor
e
o Flicts
correu
mundo
em busca
do seu
lugar

e
o Flicts
correu
mundo:

Já que não consegue arranjar amigos, que não se integra em nenhum grupo de cores, tenta a sua sorte no trabalho. “o Flicts não se emendava (emendar-se porquê?)”. Flicts tem uma atitude bastante persistente, não desistindo com facilidade. Mas porque é que ele haveria de se emendar, se ele apenas queria ter um lugar no mundo, tal como toda a gente?

Viaja pelo mundo todo à procura de uma bandeira ou faixa para trabalhar “*pelos países mais bonitos, pelas terras mais distantes, pelas terras mais antigas, pelos países mais jovens*”, mas em nenhuma parte do mundo encontrou o seu lugar. Não havia lugar para si em nenhuma estrela, nem faixa de nenhuma bandeira, pois “*nada no mundo é Flicts ou pelo menos quer ser*”. Flicts sente-se novamente triste: não serve para nada, ninguém lhe dá valor.

Ganha nova esperança quando se lembra do mar, ficando agitado, tal como o mar; mas, no mar “*para o pobre do Flicts suas cores não dão lugar*”. Mais uma vez, ganha forças e procura, em todas as praças, jardins, ruas e esquinas arranjar um amigo, um companheiro, um irmão (“*posso ser teu amigo?*”), mas todos lhe negam a amizade, e em pequenas letras que transmitem a tristeza de Flicts se pode ler “*e mais uma vez sozinho o pobre Flicts se vai*”.

Até que, por fim, em caracteres de grandes dimensões, ocupando as duas páginas do livro, se pode ler: “*Um dia o Flicts parou (...) e parou de procurar*”.



Tal como refere Cristina Vasques (2008), “*A barra de cor flicts que estanca o verso parece mostrar que o próprio Flicts foi forçado a parar, por encontrar um obstáculo intransponível*”. Esse obstáculo intransponível, que imediatamente associamos à constatação do sujeito da inoperância do seu esforço para ser aceite pelos outros, não o leva contudo a desistir e Flicts parte agora em busca de um outro mundo onde possa enfim encontrar-se e encontrar a sua casa.

Tal como um balão, Flicts vai “*subindo subindo (...) e foi-se sumindo sumindo*”, até que desapareceu, como se fosse em direção ao céu, para bem perto da lua. Surge uma página em branco, uma página que simbolicamente traduz a paz e o silêncio que Flicts encontra nesse lugar distante, nesse lugar que é capaz de ser azul nos dias claros de sol, vermelho nas tardes de Outono e amarelo nas noites de lua cheia. Como refere Adriana de Castro (2008: 84),

Flicts agora não era mais a antítese das cores, como no início da narrativa, mas sim a síntese. Reunia em si a força do vermelho, a luminosidade do amarelo e a paz do azul. Tudo unificado e integrado numa única cor: flicts.

Só na lua, e porque a lua é flicts, como só os astronautas sabem, como se pode ler intratextualmente, Flicts encontra o sentido da sua existência. Não o lugar neste mundo pequenino e medíocre em que vivemos, tal como metaforicamente é insinuado no texto e na imagem, mas num mundo despovoado, onde só aqueles que voam mais alto e que veem mais longe podem morar.

A estratégia de incluir, no final do livro, a mensagem que Neil Armstrong, precisamente o primeiro homem a pisar a lua, escreveu a Ziraldo quando este lhe contou a história do Flicts, confirma a ideia de que só os astronautas sabem a verdade, porque de facto estiveram lá.



Quando Neil Armstrong —o primeiro homem que pisou na Lua— veio ao Rio de Janeiro, contou-lhe a história de Flicts e ele me confirmou que a Lua era, realmente, FLICTS. (Ziraldo)

Desta forma poética se faz o elogio da singularidade e da diferença, numa obra em que texto e imagem se articulam e se interpenetram numa simbiose perfeita. Na realidade, o ritmo e musicalidade do texto, a riqueza discursiva e estilística que o enformam e as ilustrações abstratas (fazendo uso de formas geométricas e da abundância da cor, claramente influenciadas pelo cubismo) permitem configurar esta obra como um longo poema em prosa, uma obra revolucionária e vanguardista que, apesar de ter sido publicada em 1969, precisamente no ano em que o Homem foi à lua, continua a ser uma referência no panorama da literatura infantil universal.

Conclusão

Em síntese, estes dois magníficos livros veiculam valores sociomoraes de uma forma poética, apelando à consciência cívica da criança, sendo por isso excelentes instrumentos que, para além de suscitarem o prazer

de ler (objetivo maior da literatura), poderão igualmente ser usados em contextos educativos diferenciados pelo adulto-mediador para facilitar a reflexão sobre o respeito pela diferença, o egoísmo, a exclusão, a discriminação, a união, a solidariedade, a partilha.

A relação intersemiótica entre texto e imagem é evidente nas duas obras, mas enquanto em *A que sabe a lua?* a ilustração, figurativa e humorística, permite à criança leitora construir a sua própria narrativa visual, em *Flicts* é necessário o texto para se compreender o simbolismo da ilustração, marcada pela abstração e pelo predomínio das formas geométrica e da abundância da cor.

Nas duas histórias as personagens têm um sonho, um objetivo, mas enquanto em *A que sabe a lua?* o objetivo, comum a todos os animais, é alcançar a lua e descobrir o seu sabor, em *Flicts*, o objetivo da personagem central é encontrar o seu lugar no mundo. O objetivo é alcançado em ambas as histórias, mas houve um longo percurso a percorrer, um percurso de esforço, persistência e determinação, mas um percurso doloroso que, no caso de *Flicts*, é um igualmente sofrido e solitário.

Assim, pelas mensagens subtilmente veiculadas, mas também, e sobretudo, pela riqueza do texto e das imagens – que permitem a captação do interesse do potencial recetor infantil (e adulto) destas obras – considero que se trata de dois livros de grande qualidade estético-literária que as crianças merecem conhecer.

Bibliografia

Castro, A. (2008). *Ziraldo em diálogo com os Clássicos*. Juiz de Fora: CESJF.